

Contributo para a história islâmica de Tavira

A partir de uma intervenção de Arqueologia inacabada na “Pensão Castelo”

Lília Basílio
Maria João Neves
Miguel Almeida

Resumo

Desenvolvida no âmbito de trabalhos de reestruturação arquitectónica, a intervenção de Arqueologia preventiva da “Pensão Castelo”, em Tavira, tinha como objectivos avaliar e caracterizar o potencial arqueológico do local, que, face a notícias de outras intervenções arqueológicas em parcelas próximas, se supunha importante.

Embora a área total de escavação tenha sido relativamente reduzida, foi possível identificar um conjunto de estruturas e depósitos antrópicos que, com alguns hiatos estratigráficos, testemunham a ocupação deste espaço desde a época proto-histórica até aos nossos dias.

O presente trabalho interessa especificamente os resultados relativos aos contextos atribuídos ao período islâmico, que se destacam do conjunto de informações recuperadas pelo seu potencial informativo e estado de conservação.

Com efeito, o registro arqueológico relativo aos contextos islâmicos testemunha de uma ocupação com uma diacronia importante durante a qual se registaram diversos momentos de reestruturação e alterações da funcionalidade de um espaço urbano com uma história complexa.

A interpretação das ocupações identificadas, em termos da sua funcionalidade e implicações económicas e sociais, se-

guida da leitura diacrónica do registo arqueológico, contribui para o trabalho de composição da imagem da Tavira e da sua evolução urbana durante o seu período islâmico.

Dryas Arqueologia, Lda.

Caracterização do sítio e integração da Arqueologia preventiva num programa global de intervenção arquitectónica na “Pensão Castelo”

Localizada numa zona sobranceira à planície aluvial do rio Gilão, junto à porta de D. Manuel da muralha de origem almóada da cidade, a “Pensão Castelo” ocupa actualmente um conjunto diverso de edificações adossadas intra e extramuros a aquela muralha, classificada há várias décadas como Monumento Nacional (nº 29.604, DG 112, de Maio de 1939).

A intervenção de Arqueologia preventiva que aqui levamos a cabo, desenrolou-se intramuros, numa parcela devoluta, situada na Rua da Galeria nº 3 a 7 (Santa Maria, Tavira, Faro), contígua à muralha (fig. 1), onde outrora existiu um edifício, também ocupado pela “Pensão Castelo”, entretanto demolido no âmbito de um projecto profunda intervenção arquitectónica naquela pensão. Trata-se de uma área privilegiada do ponto de vista arqueológico, já que nesta zona têm sido identificados vestígios que remontam à Idade do Ferro e ao período islâmico (Maia, Maia, 2003).

No que respeita à afectação da área pelo projecto de reconversão previsto, para além de este prever a integração no novo edifício do troço de muralha acima referido — exigindo trabalhos de limpeza e consolidação desta estrutura — compreendia ainda o “saneamento, pelo menos do material orgânico superficial” (Silva, 2002), isto é, em termos de impacto patrimonial, o desaterro integral dos depósitos sedimentares passíveis de conter vestígios arqueológicos.

Em consequência, delineou-se uma intervenção arqueológica preventiva, de minimização do impacte negativo da obra sobre os potenciais vestígios arqueológicos existentes no local, que visava recuperar as informações relevantes para a história da ocupação do local, de Tavira e da presença islâmica na Península. A par destes imperativos, a intervenção tinha também como objectivo fornecer elementos relevantes para a reformulação do projecto de arquitectura, à altura ainda em fase de estudo prévio.

Estratégia e faseamento da intervenção de Arqueologia

A primeira fase dos trabalhos consistiu no acompanhamento da remoção da totalidade dos revestimentos recentemente aplicados sobre o pano de muralha ainda preservado no limite da parcela da intervenção, com vista à caracterização do seu aparelho e técnicas de construção, registo das diversas alterações a que esta estrutura fora sujeita ao longo do tempo e avaliação do seu actual estado de conservação. Estes trabalhos revelaram a presença de um troço de muralha,

numa extensão considerável e relativamente bem preservado, que identificámos como parte da muralha almóada de Tavira (cfr. *infra*).

Numa segunda fase, procedemos ao acompanhamento da execução de duas sondagens geotécnicas, de que resultou o reconhecimento de uma estratificação de origem antrópica que incluía abundantes fragmentos de materiais cerâmicos até profundidades que alcançavam os quatro metros (Silva, 2002).

Face ao resultado dos trabalhos de picagem do troço de muralha e das sondagens geotécnicas, determinou-se a necessidade de proceder à realização de um conjunto de sondagens arqueológicas numa área nunca inferior a 80 m², a implantar no terreno de forma a cobrir por completo a área afectada pelo projecto de arquitectura, procurando-se, nomeadamente, no extremo sudeste da parcela recuperar a articulação da muralha almóada e as suas sucessivas remodelações com a estratificação do sítio.

Dada a sensibilidade arqueológica da zona, a implantação exacta das sondagens seria objecto de reavaliação progressiva durante o decorrer da intervenção, adequando-se às realidades arqueológicas que os trabalhos fossem revelando, desde logo, por imperativo de preservação das estruturas arqueológicas escavadas. Estes trabalhos de sondagem não deveriam ultrapassar a cota de base de afectação prevista para a execução do projecto, salva a necessidade de (1) se proceder à preservação de estruturas e/ou níveis arqueológicos existentes, e (2) de escavar na totalidade os conjuntos estratigráficos já em escavação, de forma a não escavar “meios contextos”, o que obviamente inviabilizaria o estudo subsequente destas realidades arqueológicas.

Interrupção da intervenção da “Pensão Castelo”

Estando escavados somente 48m² dos 80 m² inicialmente previstos (fig. 2) — e tendo-se alcançado a cota de afectação definida no projecto da obra a executar no local em apenas 4 daqueles 48m² —, o promotor da obra, a empresa “Netos, Hotelaria Lda.”, manifestou a intenção de desistir da execução do projecto de arquitectura que justificava a intervenção e, por consequência, de terminar de imediato os trabalhos de Arqueologia. Mais, também se recusaria a suportar os custos de quaisquer das tarefas subsequentes de tratamento de informação de campo, redacção de relatórios técnicos, estudo e publicação dos resultados, determinadas pela legislação vigente.

Em consequência desta interrupção intempestiva, a imagem de que hoje dispomos da evolução daquele espaço e das suas ocupações é forçosamente lacunar e incompleta por força da inexistência de um registo completo e suficiente da totalidade da sequência arqueo-estratigráfica do local. Tal resultou inequivocamente, numa perda irreparável de dados e num empobrecimento significativo da história das ocupações islâmicas e da Idade do Ferro em Tavira.

Subsequentemente, a interrupção da intervenção, provocou

também uma degradação irreversível dos próprios vestígios arqueológicos expostos durante a intervenção arqueológica, que só em momento muito posterior e sem um acompanhamento arqueológico viriam a ser recobertos (informação pessoal de Manuel Maia). Ainda assim, mantém-se a descoberto a face interna da muralha, sobre a qual não foi ainda realizada qualquer intervenção de protecção.

Resultados dos trabalhos de campo

A intervenção realizada na “Pensão Castelo” saldou-se no reconhecimento de um conjunto significativo de vestígios arqueológicos, testemunhos de uma ocupação intensa deste espaço ao longo do tempo, assim como das diversas remodelações a que foi sujeito (fig. 3), para além da descoberta de um esqueleto no seio de uma lixeira islâmica (Ferreira et al., 2006; Neves et al., np2), que justificou a adopção de um conjunto de metodologias próprias de Antropologia de terreno, a fim de reconstituir tanto os gestos funerários quanto as distorções tafonómicas a que o enterramento original foi sujeito (Duday, 2005; Neves et al., np1).

Não obstante, a estratificação identificada não compõe um quadro ininterrupto desde a ocupação mais antiga reconhecida até aos nossos dias, de resto circunstância comum em contextos urbanos, em que a sobreposição de ocupações mais recentes truncam frequentemente vestígios mais antigos, criando hiatos temporais que só podem ser ultrapassados pela análise comparada com outros registos arqueográficos próximos.

Assim, identificamos na “Pensão Castelo” vestígios atribuídos a diferentes momentos e períodos cronológicos em que se procedeu a remodelações significativas deste espaço, incluída a construção de novas estruturas e a destruição parcial (e total?) de outras estruturas anteriores. A compreensão destas intervenções exige uma interpretação crítica da arqueoestratigrafia do sítio, complementada, como se disse, pela correlação com os resultados de outras intervenções próximas e pela história escrita da cidade.

Do ponto de vista cronológico, é possível dividir os vestígios identificados em três conjuntos arqueoestratigráficos:

- (1) um conjunto de vestígios que corresponde às ocupações de época contemporânea (séc. XIX e XX), cuja deposição/construção implicou a ablação de uma parte significativa da estratificação anterior, correspondente à ocupação tardo-medieval e moderna;
- (2) um conjunto de vestígios que corresponde a diferentes momentos de ocupação de época islâmica, também responsáveis pela truncagem de uma parte — eventualmente substancial — da estratificação anterior; e
- (3) ainda que muito parcialmente escavado, um conjunto de vestígios atribuível a uma ocupação proto-histórica desta área, cuja existência havia já sido testemunhada noutras intervenções arqueológicas próximas (Maia, 2003 a).

Fragmentos diacrónicos da “Tavira islâmica”

- o contributo de uma intervenção arqueológica inacabada para a história da cidade

Constituindo a parte mais significativa da área escavada, os vestígios atribuídos à Época Islâmica remetem-nos para um quadro de ocupação intensa e diversificada de sucessivas “Táviras islâmicas”, reflexo da complexa história do domínio islâmico sobre este território (Maia, 2003b; Kwali, 2003).

Neste conjunto de vestígios englobamos diversas estruturas e níveis arqueológicos, maioritariamente aterros, nos quais se recolheram quantidades consideráveis de materiais arqueológicos cuja caracterização nos permite (pese embora parte substantiva dos materiais ainda esteja em estudo) avançar uma proposta de leitura para a sequência das ocupações islâmicas deste espaço como contributo para a construção da história islâmica de Tavira.

Estruturas islâmicas anteriores ao séc. XI (?)

À ocupação mais antiga identificada adentro da Época Islâmica correspondem duas estruturas cuja morfologia, funcionalidade, cronologia e relação estratigráfica não foi exequível determinar em absoluto, visto que foram só muito parcialmente escavadas e não foi possível identificar qualquer nível de ocupação directamente relacionado com estas estruturas (provavelmente por força da interrupção da intervenção antes de se atingirem as cotas destes níveis), de que também não conhecemos as fundações.

A primeira destas estruturas (UE601) corresponde à face externa de uma construção aparentemente de forma circular construída em taipa (fig.4). Tendo sido colocada a descoberto numa área muito reduzida, não foi possível caracterizar detalhadamente a taipa da construção. Estes factores impedem que se avante qualquer hipótese acerca da sua tipologia, funcionalidade ou uma atribuição cronológica mais precisa.

A segunda estrutura (UE602) corresponde à face interna de uma construção de aparente planta circular, com aparelho composto por blocos de calcário, toscamente afeiçoados e dispostos sobre a sua face maior, cujos interstícios se encontram colmatados por pequenas pedras irregulares do mesmo material. A sua construção operou-se pela edificação sucessiva de pelo menos três segmentos, directamente juxtapostos (fig. 5).

Mais uma vez, por força da interrupção dos trabalhos de escavação apenas foi possível proceder à sua escavação até uma profundidade de cerca de 110 cm. Os depósitos que aí se acumulavam, correspondentes já à sua condenação, incluem abundantes materiais cerâmicos cujas características morfo-tecnológicas sugerem uma cronologia dentro do séc. XI que constitui um limite *ante quem* para aquela estrutura. A dimensão desta construção, a sua solidez e a sua planta aparentemente circular, levam-nos a ponderar a hipótese de estarmos perante uma estrutura de carácter defensivo, eventualmente uma torre, hipótese que por hora deverá permanecer-

cer em aberto e cuja confirmação implicaria a existência de uma primeira muralha, desactivada no séc. XI, e um acréscimo de importância da cidade num período mais recuado do que aquele que as fontes escritas parecem indicar, já que *Edrici* se refere à Tavira pré-almóada como uma alcarija, sendo ainda designada por *Yaqut* como uma povoação ou aldeia (balda) (Catarino, 2001).

Aterros do séc. XI

Em momento posterior ao funcionamento das estruturas acima descrita identificámos um primeiro momento de ablação do registo estratigráfico das ocupações islâmicas no local, consubstanciado na destruição parcial (UE504) da estrutura pétreia de planta circular referida acima (fig. 6) e no posterior aterro desta área.

Visto que esta destruição e subsequente aterro não se relacionou, na área escavada, com a construção de qualquer estrutura, a sua execução pode ter estado relacionada, exclusivamente, com a necessidade de regularização da área para posterior construção de novas estruturas que se vieram instalar directamente sobre estes aterros.

Os depósitos que compõem estes aterros integram inúmeros materiais arqueológicos, maioritariamente cerâmicos, ainda em estudo, cuja análise preliminar parece fazer integrar no séc. XI, a tomar como referência cronológica para este momento que assinala a primeira reconfiguração registada destes espaço em época islâmica.

Estruturas do séc. XI

Directamente sobre os níveis do séc. XI supra-mencionados foi identificado um troço de muro, que integra um canto, e que poderá corresponder a uma estrutura de habitação (UE500, fig. 7). É composto por aparelho de pedras irregulares (calcário), de pequenas e médias dimensões, aglutinadas com terra. O tramo maior deste muro — parcialmente destruído por uma infra-estrutura sub-actual —, colocado a descoberto numa extensão de cerca de 180 cm, apresenta uma largura de cerca de 55 cm e desenvolve-se sensivelmente no sentido noroeste/sudeste, infletindo depois no sentido nordeste/sudoeste onde foi escavado numa extensão de cerca de 30 cm apresentando também uma largura de cerca de 50 cm. Em associação com esta estrutura foram identificadas duas áreas pavimentadas (UE501 e UE502, cfr. fig. 7), muito destruídas pelos depósitos e estruturas que se lhe sobreponem, compostas por pedras irregulares de pequena e média dimensão muito roladas e boleadas (calhaus de calcário e seixos rolados). Estes pavimentos desenvolvem-se a sudeste e nordeste do maior tramo de muro escavado, o que sugere tratar-se eventualmente de dois pavimentos coevos.

Embora muito ténues, estes vestígios poderão relacionar-se com a ocupação identificada nas escavações do BNU, onde se identificaram para além de uma lixeira, um sistema de escoamento de águas (Maia, Maia, 2003) atribuíveis ao séc. XI.

Aterros do séc. XII

A destruição de parte deste possível bairro islâmico do séc. XI, está documentada num novo momento de corte da estratificação (UE404) e posterior aterro da zona (UE403a, UE403b, UE403c e UE403d) (cfr. fig. 6) directamente relacionado com a construção da muralha Almóada, visto que a base da face interior do troço de muralha identificado durante a escavação assenta sobre estes níveis de aterro bastante homogéneos e nivelados. Estes depósitos integram algum material cerâmico cuja primeira análise permite enquadrar, pelas suas características morfo-tecnológicas e estilísticas, no séc. XII.

Ou seja, tal como no momento anterior, também agora se verifica uma profunda reconfiguração deste espaço, desta feita para construção de uma linha defensiva cuja execução terá implicado uma redução do perímetro urbano, uma vez que os vestígios relacionados com esta construção assentam directamente sobre os vestígios de pavimentos e muros anteriores.

Refira-se ainda, que na zona mais a sudeste da parcela escavada, o corte dos sedimentos anteriores atingiu níveis relacionados com a ocupação proto-histórica do local.

Muralha Almóada do séc. XII

Directamente sobre os aterros acima descritos, foi erigida a muralha Almóada de Tavira, que constitui a única linha de muralhas da cidade islâmica documentada, atribuída à segunda metade do séc. XII (Maia, 2003 b), momento em que o poder almóada terá conseguido pôr fim às diversas sublevações que tiveram a cidade como palco (Catarino, 1997; Maia, 2003 b).

Na parcela intervencionada persiste um troço de muralha (UE400) que se estende por 10,5 metros, com uma altura preservada máxima de 7 metros, cujo estado de conservação é relativamente bom, pese embora tenha sido afectado por construções realizadas em Época Moderna/Contemporânea (fig. 8).

Esta estrutura apresenta, na sua face interna, aparelho em alvenaria de pedra (calcário) composto por blocos tosca mente afeiçoados de forma geralmente rectangular e sub-rectangular, assentes sobre a sua face maior e colmatados por argamassa de cal. O miolo — que tivemos oportunidade de escavar nos quadrados G10-12, zona em que a estrutura terá sido desbastada já em Época Moderna/Contemporânea — é constituído por taipa heterogénea composta por blocos de calcário e xisto, de pequena dimensão, mal calibrados e de forma irregular, areias finas bem calibradas e argamassa de cal, técnica muito comum nas construções de Época Almóada do séc. XII, com paralelos nas fortificações de Cáceres, Niebla ou Badajoz (Catarino, 1994).

Pensamos que esta estrutura terá sido construída sobre um desnível/talude acentuado, tendo em consideração que a face externa da mesma se identifica a uma cota bem mais baixa na Rua da Liberdade. De resto, refira-se que também

nas escavações levadas a cabo no BNU, a uma cota significativamente mais baixa, foi identificado um troço do pano de muralha almóada — que também parece sobrepor-se directamente às estruturas habitacionais do referido bairro islâmico do séc. XI (Maia, Maia, 2003).

Estruturas do séc. XII

Adossados à muralha almóada foram identificados dois troços de muro, que se desenvolvem perpendicularmente a esta e que poderão relacionar-se com a construção de um novo espaço habitacional. Com efeito, a construção de uma tal estrutura defensiva deve ter presidido ao reordenamento desta zona, tendo provavelmente no séc. XII aqui surgido um novo bairro, cuja existência parece também ter sido reconhecida nas escavações do BNU (Maia, Maia, 2003).

Os dois troços de muro identificado apresentam um aparelho constituído por pedras (calcário) de média e grande dimensão, de morfologia irregular, aglutinadas com terra e pequenos calhaus. O primeiro troço de muro (UE400, fig. 9), melhor preservado, foi escavado numa extensão de 200 cm, apresentando de cerca de 50 cm de largura. O segundo troço (UE401), localizado mais a sudoeste, encontra-se francamente mal preservado, tendo sido quase totalmente destruído pela posterior abertura de uma área de lixeira no local, altura em que esta área sofreu nova reestruturação funcional.

Lixeiras do séc. XIII

Finalmente, foram identificadas duas estruturas negativas (UE300 e UE200) preenchidas por diferentes depósitos que se interpretaram como lixeiras destinadas ao despejo de detritos domésticos, tendo em consideração as características dos materiais identificados no seu interior.

A sua execução implicou a destruição parcial de uma fracção significativa dos depósitos e estruturas anteriores, sendo que no caso da abertura da “lixeira 2” (fig. 10), foram afectados não só vestígios relacionados com a ocupação islâmica do local, como também níveis que integravam materiais de cronologia anterior, nomeadamente do período proto-histórico. Em consequência, na escavação do preenchimento desta estrutura foram recuperados, em associação estratigráfica e sem diferenças significativas na sua distribuição vertical, materiais cerâmicos atribuíveis à Época Islâmica — sécs. XI/XII/XIII, marcando os últimos uma data limite para a lixeira (Basílio et al., 2006; Neves et al., np2) — e outros atribuíveis à Idade do Ferro local.

O achado mais surpreendente realizado neste contexto foi a descoberta de um esqueleto humano (Neves et al., np2). As condições de inumação reflectem uma situação paradoxal em que o cuidado na colocação do corpo evidenciado pela posição do esqueleto — o indivíduo foi depositado em decúbito dorsal, orientado no sentido sudoeste/nordeste, com os braços, as mãos e as pernas estendidas — contrasta com a colocação do cadáver num contexto de lixeira, sem qualquer

evidência estratigráfica de escavação de uma vala especificamente para o seu enterramento (fig. 11). Porém, a preservação dos ossos dentro do volume corporal, a prevalência das articulações lábeis, e a ausência de peças esqueléticas remobilizadas, comprovam que a decomposição do cadáver ocorreu em meio fechado (Duday, 2005).

Trata-se de um indivíduo adulto do sexo masculino para o qual a análise da clavícula (MacLaughlin, 1990), da superfície auricular do ilíaco (Lovejoy et al., 1985) e da sínfise púbica (Brooks e Suchey, 1990) permitem apontar uma idade à morte entre os 30 e 40 anos, estimativa condante com a ausência generalizada de patologias degenerativas. A análise morfológica dos ossos ilíacos e do crânio não deixam dúvidas quanto à diagnose sexual, já que todos os traços observados são claramente masculinos. A análise métrica do úmero, fêmur e talus (Wasterlain, 2000) corroboram o resultado da análise morfológica (Ferreira et al., 2006; Neves et al., np2).

As questões relacionadas com a possível origem social, étnica ou económica do indivíduo permanecem obviamente em aberto. Porque terá ele sido inumado no séc. XIII num contexto tão particular permanece uma questão cuja resposta — eventualmente relacionada com a crescente instabilidade do território e o desmantelamento da organização política e administrativa da cidade aquando da entrada das tropas cristãs em Tavira — nos não é acessível.

Estruturas e infra-estruturas de Época Moderna/Contemporânea

O reconhecimento de vestígios atribuídos a este período cronológico importa aqui, essencialmente, na medida em que a sua construção implicou a destruição parcial, e em certos casos total, dos vestígios relacionados com os diferentes momentos de ocupação de Época Islâmica que temos vindo a descrever.

Esta destruição é mais significativa na zona sudeste da parcela intervencionada, onde a construção de edifícios resultou na destruição total da muralha almóada e, aparentemente, na anulação integral dos depósitos relacionados com a sua construção e com possíveis ocupações posteriores da área ainda em Época Islâmica, representadas, conforme descrito acima, na zona nordeste.

Para além desta destruição mais significativa, também se verificam diversas agressões no troço preservado da muralha, resultantes da abertura de vãos de janelas e de portas relacionados com a remodelação de edificações contíguas que viriam a integrar a muralha na sua construção (cfr. fig. 8). Para além disso, na área noroeste da parcela foram escavadas infra-estruturas e pavimentos relacionados com estas ocupações de época contemporânea que interceptam as estruturas de Época Islâmica.

Em conclusão

Ainda que limitado o registo arqueológico por força da interrupção prematura da intervenção, os resultados obtidos durante a intervenção na “Pensão Castelo” constituem um testemunho importante da intensidade e diversidade funcional da ocupação islâmica deste espaço entre os séculos XI e XIII, constatação que não surpreende conhecendo-se das fontes escritas (1) a relevância da cidade de Tavira durante este período na história do Garb Al-Andaluz e (2) a natureza conturbada dos eventos que nela tiveram lugar entre os finais do séc. XI e inícios do XII, altura em que o poder almóada aqui se tentava impor (Kwali, 2003; Tahiri, 2003).

Assim, a interpretação do registo arqueo-estratigráfico da “Pensão Castelo” permite-nos, para já, estabelecer uma história marcada por diversos momentos de reestruturação do espaço urbano — registados estratigraficamente pela sucessiva destruição de estruturas e níveis de ocupações anteriores, acompanhada da deposição de aterros sobre os quais se constroem novas estruturas de morfologia e aparente funcionalidade distinta:

1. Um primeiro momento de ocupação materializado em duas estruturas cuja morfologia, função e relação entre si não nos foi possível determinar, mas cuja atribuição cronológica anterior ao séc. XI, a confirmar-se, assume particular relevância uma vez que as fontes escritas apenas se referem à existência de Tavira a partir do séc. XII (Kwali, 2003). Neste sentido, importa estudar mais detalhadamente os materiais arqueológicos recolhidos nos aterros que anulam este momento de ocupação, cuja análise preliminar sustenta aquela atribuição das estruturas precedentes ao séc. XI. Ainda assim, mesmo a atribuição cronológica mais precisa para destes materiais deixará em suspenso a questão da caracterização e funcionalidade de tal ocupação islâmica primeva de Tavira, que somente o alargamento da escavação na “Pensão Castelo” permitiria averiguar. No que respeita a estes vestígios, importa destacar a presença da estrutura em alvenaria de pedra acima descrita, cujas dimensões, morfologia e aparelho sugerem tratar-se de uma construção singular, eventualmente de carácter defensivo.
2. Anulando estes vestígios registou-se o primeiro momento de ablação da estratigrafia relacionada com as ocupações de Época Islâmica: a destruição de uma das estruturas relacionadas com o primeiro momento de ocupação é acompanhada da deposição de um aterro de expressão considerável. Directamente sobre este aterro, que produziu a regularização da área a uma cota bastante superior àquela em que teria funcionado a ocupação anterior, surge um segundo momento de ocupação, constituído por muros associados a pavimentos que compõe um espaço de configuração totalmente diferente da anterior, que relacionámos com uma ocupação do séc. XI, já identificado antes nas escavações do edifício do BNU (Maia, Maia, 2003). Novamente, só o alargamento da área escavada permitiria confirmar esta interpretação e recolher mais

informações sobre a cronologia e a configuração desta ocupação.

3. O segundo momento de reestruturação deste espaço relaciona-se com a construção da muralha almóada que implicou uma redução do perímetro urbano da cidade e a consequente destruição das estruturas do bairro islâmico do séc. XI. Ocorrida num contexto sócio-político marcado pelo fim das sublevações locais contra o poder central e pelo domínio deste território pela dinastia almóada, a redefinição física de um limite do espaço urbano testemunhada no registo da “Pensão Castelo” pela construção desta linha de muralha integrar-se-á numa reformulação significativa na organização da cidade de Tavira. Este espaço terá, no entanto, mantido a sua função habitacional, uma vez que as estruturas anexas à muralha podem atribuir-se a este momento e relacionar-se com a construção de um novo bairro de habitação.
4. Finalmente, ainda em Época Islâmica, a abertura de duas áreas de lixeira junto à muralha terá implicado uma reformulação da configuração deste espaço — com a destruição das estruturas anteriores —, assim como a alteração da sua funcionalidade, uma vez que — talvez face à exiguidade da área escavada —, não conhecemos quaisquer estruturas habitacionais que possam relacionar-se directamente com estas áreas de despejo de detritos.

A estratificação do local fica ainda marcada por uma característica que se tem observado frequentemente em intervenções arqueológicas urbanas no Algarve: a sobreposição quase directa dos níveis arqueológicos contemporâneos aos islâmicos.

Ora, estando a ocupação tardo-medieval e moderna de Tavira (bem como a das outras cidades onde tal se verifica) documentada por outras fontes do que o registo arqueoestratigráfico, pensamos que a razão de ser deste hiato estratigráfico recorrente deverá procurar-se num acontecimento com impacto generalizado na região. Assim, pela sua cronologia e afectação muito importante de uma parte muito substancial do Algarve, o terramoto de 1755 parece poder corresponder a este evento de carácter geral na origem da ablação dos níveis arqueológicos destas cronologias. Assim, a ausência de vestígios tardo-medievais e modernos na “Pensão Castelo” e no edifício do BNU (Maia, Maia, 2003) poderá estar relacionada com este episódio geológico: à derrocada dos edifícios menos resistentes do perímetro muralhado provocada pelo abalo, ter-se-ão seguido certamente operações de limpeza e de desaterro dos escombros que poderão ter colocado a descoberto os níveis islâmicos, sobre os quais então se construíram as novas edificações. Esta hipótese poderá vir a ser confirmada mediante uma abordagem multidisciplinar fundada na produção de novos dados arqueográficos, analisados em correlação com o estudo históricos e urbanísticos destas cidades.

Bibliografia

- BASÍLIO, L., NEVES, M. J. e ALMEIDA, M. (2006). Os materiais cerâmicos da "Lixeira 2" da Pensão Castelo – Novos dados sobre a ocupação islâmica de Tavira. *Xelb*, 6, II.. pp. 105-114.
- BROOKS, S., SUCHHEY, J. M. (1990). Skeletal age determination based on the os pubis: a comparation of the Acsádi-Nemeskéri and Suchey-Brooks methods. *Human Evolution*, 5, 3. pp. 227-238.
- CATARINO, H. (1994). Os Castelos de taipa do período muçulmano no Sul de Portugal: o exemplo de Salir (Loulé). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, XXXIV, 3-4. Porto. pp. 335-349.
- CATARINO, H. (1997). Castelos muçulmanos do Algarve. *Noventa Séculos entre a serra e o mar*. Lisboa: IPPAR. pp. 449-458.
- CATARINO, H. (2001). Castelos e Território Omíada na Kura de Ossonoba. In: Fernandes, I (Coord.). *Mil anos de fortificações na Península Ibérica e no Magreb (500-1500)*. Actas do Simpósio Internacional sobre castelos. Edições Colibri / Câmara Municipal de Palmela. pp. 33-44.
- CUNHA, E. (1994). *Paleobiologia das populações medievais portuguesas. Os casos de Fão e São João de Almedina*. Tese de Doutoramento. Coimbra: Departamento de Antropologia, Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra. Policopiado.
- DUDAY, H. (2005). L'archéotahanatologie ou l'archéologie de la mort. In: Dutour, O., Hublin, J.-J., Vandermeersch, B. (eds.). *Objets et méthodes en Paléoanthropologie*. Paris: CTHS. pp. 153-215.
- FERREIRA, M. T., NEVES, M. J., SILVA, A. M. (2006). Restos dentários de um indivíduo exumado em contexto de lixeira islâmica: morfologia, patologia e questões sócio-económicas. *Xelb* 6, II. pp. 219-226.
- KWALI, A. (2003). Tavira Islâmica: Novos dados sobre a sua história. In: AAVV. *Tavira: território e poder*. Catálogo de exposição. CMT / Museu Nacional de Arqueologia. pp. 131-146.
- LOVEJOY, C. O., MEINDL, R. S., PRYZBECK, T. R., MENSFORTH, R. P. (1985). *Chronological metamorphosis of the auricular surface of the ilium: a new method for determination of adult skeletal age at death*. *American Journal of Physical Anthropology*, 68. pp. 15-28.
- MACLAUGHLIN, S. M. (1990). Epiphyseal fusion at the sternal end of the clavicle in a modern portuguese skeletal sample. *Antropologia Portuguesa*, 8. pp. 59-68.
- MAIA, M. (2003a). Fenícios em Tavira. In: AAVV. *Tavira: território e poder*. Catálogo de exposição. CMT / Museu Nacional de Arqueologia. pp. 57-72.
- MAIA, M. (2003b). Muralhas Islâmicas de Tavira. In: AAVV. *Tavira, território e poder*. Catálogo de exposição. CMT / Museu Nacional de Arqueologia. pp. 155-163.
- MAIA, M., Maia, M. (2003). Tavira – Colónia Fenícia e Cidade Islâmica. In: IV Jornadas de Tavira. Tavira: Clube de Tavira. pp. 221-244.
- NEVES, M. J., ALMEIDA, M. (2002). *Intervenção de Acompanhamento Arqueológico – Pensão Residencial Castelo (Rua da Galeria, nºs 3 a 7, Santa Maria, Tavira, Faro): Acompanhamento de Sondagens Geotécnicas*. Relatório Final de trabalhos Arqueológicos ao IPA. Coimbra: Dryas Arqueologia (Relatórios Dryas). Policopiado.
- NEVES, M. J., FERREIRA, M. T., ALMEIDA, M., BASÍLIO, L., Tavares, P. (np1). A escavação de necrópoles e recuperação de vestígios osteológicos em contexto de emergência: questões de método e de princípio. Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular. No prelo.
- NEVES, M. J., FERREIRA, M. T., BASÍLIO, L., ALMEIDA, M. (np2). "Pensão Castelo" (Santa Maria, Tavira, Faro): um caso de inumação individual no seio de uma lixeira islâmica. Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular. No prelo.
- OLIVIER, G., DEMOULIN, F. (1990). *Pratique anthropologique à l'usage des étudiants. I. Osteologie*. Université Paris 7.
- SILVA, J. L. (2002). Prospeção geotécnica do local de implantação dum edifício junto ao Turismo de Tavira In: NEVES, M. J., ALMEIDA, M. (2002). *Intervenção de Acompanhamento Arqueológico – Pensão Residencial Castelo (Rua da Galeria, nºs 3 a 7, Santa Maria, Tavira, Faro): Acompanhamento de Sondagens Geotécnicas*. Relatório Final de trabalhos Arqueológicos ao IPA. Coimbra: Dryas Arqueologia (Relatórios Dryas). Policopiado. pp. 7-17.
- WASTERLAIN, R. S. (2000). *Morphé. Análise das proporções entre os membros, dimorfismo sexual e estatura de uma amostra da Coleção de Esqueletos Identificados do Museu Antropológico da Universidade de Coimbra*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Antropologia, Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra.

Autoria

Lília BASÍLIO

Dryas Arqueologia — Unidade de Investigação
Av. Fernão de Magalhães, 153, 4º andar, sala 11, 3000-176 COIMBRA
(Portugal)

lilia.basilio@dryas-arqueologia.pt

Maria João NEVES

Dryas Arqueologia — Unidade de Investigação
Av. Fernão de Magalhães, 153, 4º andar, sala 11, 3000-176 COIMBRA
(Portugal)

mjoao.neves@dryas-arqueologia.pt

Miguel ALMEIDA⁺

Dryas Arqueologia — Unidade de Investigação
Av. Fernão de Magalhães, 153, 4º andar, sala 11, 3000-176 COIMBRA
(Portugal)

miguel.almeida@dryas-arqueologia.pt

+ Os trabalhos de investigação de Miguel Almeida são suportados por uma bolsa da FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia / Ministério da Ciência e do Ensino Superior, no quadro do POCI – Programa Operacional Ciência e Inovação 2010.

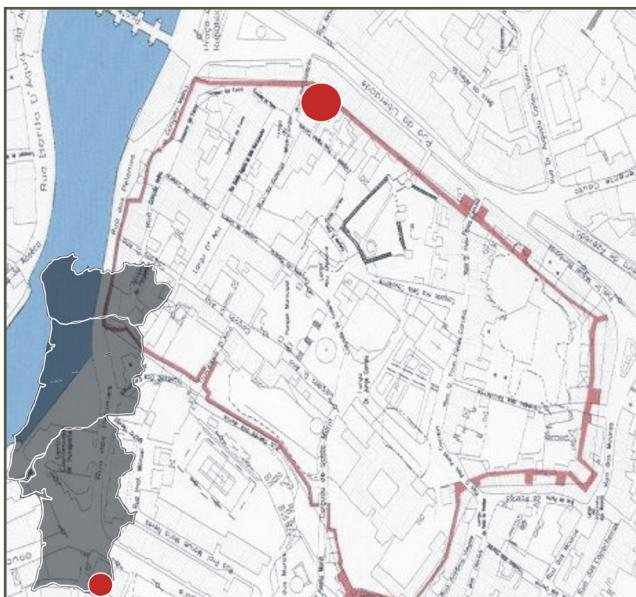


Fig. 1 - Localização da "Pensão Castelo" na cidade de Tavira.

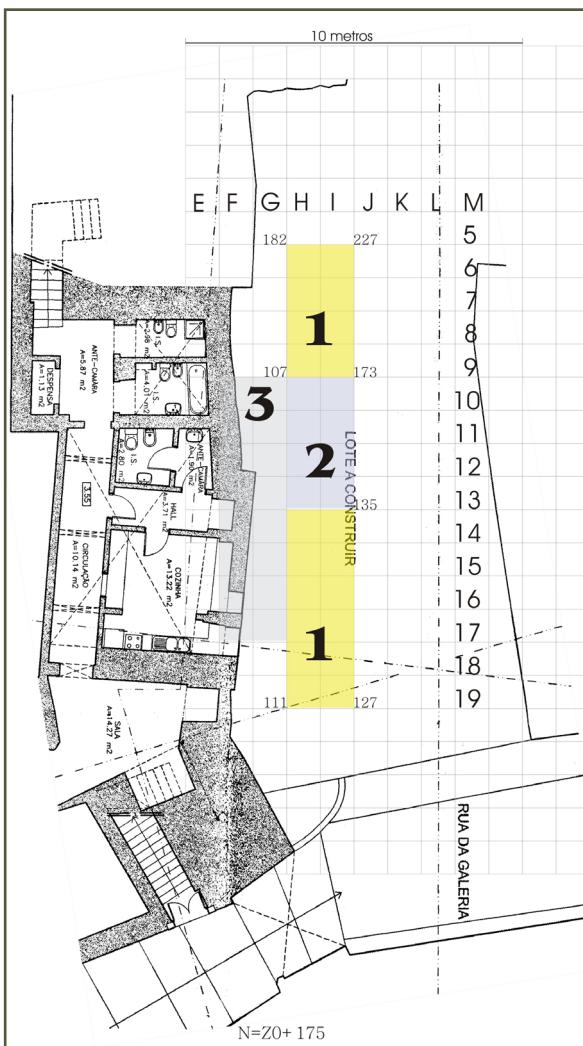


Fig. 2 - Planta geral de área intervencionada, com indicação da sequência das áreas escavadas.



Fig. 3 - Vista geral da escavação arqueológica na "Pensão Castelo".



Fig. 4 - Estrutura em taipa (UE601) identificada sob aterros do século XI: escavada numa área muito reduzida não nos foi possível recuperar a sua morfologia e funcionalidade.



Fig. 5 - Aspecto da estrutura pétreia de planta circular (UE602), correspondente à ocupação islâmica mais antiga registada no decorrer da escavação na "Pensão Castelo".

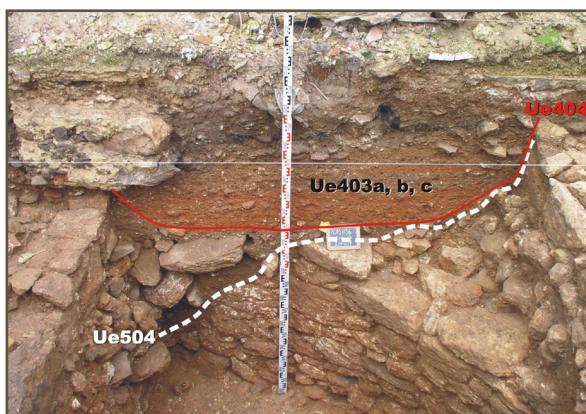


Fig. 6 - Pormenor da sequência estratigráfica registada nos quadrados G14-16 onde podem observar-se: a estrutura pétreia circular (UE602); o nível de destruição que implicou a sua anulação (UE504), relacionável com uma profunda reestruturação deste espaço, nomeadamente com o nivelamento da área e a subida de cota do terreno onde; e a vala (UE404) e aterros (UE403a, UE403b, UE403c) relacionados com a construção da face interna da muralha almóada.

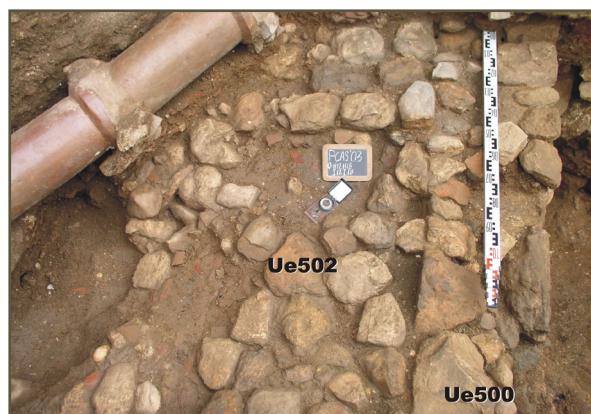


Fig. 7 - Possíveis estruturas habitacionais do século XI (UE500 e UE502).

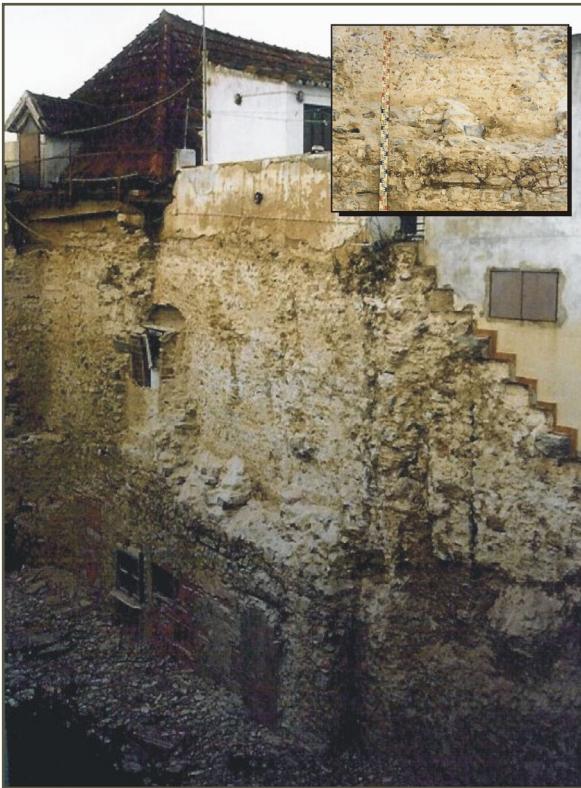


Fig. 8 - Troço da muralha almóada (UE402) colocado a descoberto durante os trabalhos levados a cabo na "Pensão Castelo": ainda que se conserve numa extensão considerável, a parede de muralha foi alvo de diversas intervenções em épocas mais recentes (abertura de vãos, desbaste parcial, etc.) que a alteraram profundamente.



Fig. 9 - Muro de pedra (UE400) adossado à muralha almóada e interpretado como parte de estruturas de uma zona residencial que terá sido aqui edificada no século XII no âmbito da reestruturação urbana que a construção da muralha terá inevitavelmente implicado.



Fig. 10 - Pormenor do corte estratigráfico noroeste onde se pode observar a estrutura negativa identificada como "lixeira 2" (UE200): datada do século XII a abertura desta estrutura resultará necessariamente de uma reestruturação profunda da funcionalidade desta zona da cidade, anteriormente ocupada por uma área residencial.



Fig. 11 - Aspecto dos trabalhos de escavação do enterramento identificado no decorrer da escavação da "lixeira 2": esta inumação parece corresponder a uma deposição directa (não se reconheceu qualquer vala directamente relacionável com este procedimento) de um indivíduo adulto do sexo masculino, no seio da estrutura destinada a despejo de lixo doméstico.